

# A NARRATIVA DE UMA PESQUISADORA-EDUCADORA EM FORMAÇÃO: PROCESSOS “INVISÍVEIS” DE (RE)EXISTÊNCIA

Débora Sara Ferreira<sup>1</sup>  
Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo<sup>2</sup>

*Nós pagamos com nossa vida, pela nossa  
(re)existência.  
Você é agredida pelo marido que chegou bêbado em  
casa e você não ter pra onde ir.  
Não existe respaldo na lei. Não existe família pra lhe  
apoiar.  
Pra onde você vai ao meio da noite, com cinco filhos  
no braço?  
Você só tem uma opção e é essa que você escolhe:  
deitar-se ao seu lado da cama e chorar...*

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo, trazer a narrativa de vida de uma das pesquisadoras e o diálogo intenso com a história da mulher. Nesse diálogo, transpassam o cotidiano e os processos “invisíveis” de (re)existência que permeiam a vida das mulheres. Considera-se que a narrativa produz história(s) abrindo-se, à poética, na esteira de uma escrita potente à (re)invenção de si.

## Introdução

Iniciar um texto refletindo sobre minha história de vida é, de certo e de todo modo, refletir a condição de todas as mulheres. As mulheres de minha família, mulheres próximas a mim e mulheres que não conheço, mas me sensibilizo com suas histórias, quando leio algum artigo na internet.

Olhar para a história da mulher sempre me envolve com múltiplos sentimentos. Por um momento sinto felicidade e alegria em ter a luz, que é o conhecimento. Em outro, sinto-me injustiçada pelas nossas ancestrais, que foram torturadas, assassinadas, mas resistiram nas condições plurais do cotidiano e, por resistirem, estamos aqui hoje, escrevendo, estudando, criando novos modos de existir e nos (re)inventando a cada toque, a cada palavra escrita, a cada refletir crítico...

Este trabalho é um recorte da Dissertação de Mestrado intitulada “Narrativas de vida, (re)invenção de si: um estudo acerca da condição da mulher na contemporaneidade”<sup>3</sup>. Os objetivos deste artigo perpassam o diálogo com minha história de vida, portanto, minha narrativa de vida e a reflexão acerca da condição da mulher através da história da mulher e da categoria de gênero. Portanto, se faz necessária uma breve volta ao passado, para conhecer a história da mulher e iniciarmos uma breve reflexão sobre um dos fios condutores deste trabalho e que possibilitou a feitura do mesmo: as narrativas.

De acordo com Delory-Momberger (2011, p. 7), a narrativa se faz preponderante, não para que possamos ter uma história, mas temos uma história porque narramos a nossa vida. Certamente, o relato de vida permite que possamos estar em constante diálogo com nós mesmos.

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista – UNESP / Rio Claro. E-mail: [dsaraferreira@gmail.com](mailto:dsaraferreira@gmail.com).

<sup>2</sup> Universidade Estadual Paulista – UNESP / Rio Claro. E-mail: [mrosamc@rc.unesp.br](mailto:mrosamc@rc.unesp.br).

<sup>3</sup> O estudo encontra-se em andamento, sob orientação da Profa. Dra. Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo. O mesmo tem por objetivo, refletir a condição da mulher, a partir de narrativas de vida de mulheres da EJA (Educação de Jovens e Adultos), bem como o diálogo intenso com a história da mulher.

Da narrativa à vida podemos vislumbrar, com Barthes (1966, p. 9), a força do relato que se torna imprescindível, assim como a vida. "Não há nem houve jamais em lugar algum um povo sem relatos [...] o relato zomba da boa e da má literatura: intencional, trans-histórico, transcultural, o relato está ali, como a vida". O relato é força, é potência, é história, é experiência.

A força da escrita pode ser comparada a uma pedra de toque, como referenciada por Foucault (2006, p. 145), que apresenta o ato de escrever como algo que revela os pensamentos, aquilo que somos: "A escrita constitui uma experiência e uma espécie de pedra de toque: revelando os movimentos do pensamento, ela dissipa a sombra interior onde se tecem as tramas do inimigo". A escrita como movimento é possibilidade, é acontecimento, é afetação, é leitura de mundo...

### **Escritas político-poéticas: sobre o direito que nos foi negado**

Alves e Pitangui (1985, p. 12) trazem um apanhado histórico da condição da mulher na Idade Média. Segundo as autoras, em Atenas, ser livre era, primeiramente, ser homem. Com atribuições bem específicas que permeavam os afazeres do lar, a reprodução e amamentação, as mulheres eram consideradas aptas a desenvolverem atividades aos quais serviam aos homens e ocupavam posições equivalentes à do escravo, em relação ao trabalho. Com o horizonte limitado, as mulheres eram excluídas do trabalho intelectual, ou seja, eram excluídas do mundo do pensamento, do conhecimento, questões valorizadas pela civilização grega.

O que é certo é que hoje é muito difícil às mulheres assumirem concomitantemente sua condição de indivíduo autônomo e seu destino feminino; aí está a fonte dessas inépcias, dessas incompreensões que as levam, por vezes, a se considerar como um "sexo perdido" (BEAUVOIR, 2009, p. 306).

Simone de Beauvoir (2009, p. 306), ao refletir a condição da mulher, reflexão que se fez por meio de relato de sua própria vida, afirma que nos dias atuais é muito difícil a mulher assumir sua autonomia e sua feminilidade. É por meio do passado que nos deparamos com a história da mulher e conhecemos os preconceitos e embates que assombraram o sexo feminino durante séculos.

No século XIX, as mulheres não tinham autonomia para criar. Segundo Telles (2007, p. 403) as mulheres tinham o papel imposto e definido: ajudante do homem, a educadora dos filhos, um ser de virtude, o anjo do lar. A partir da reflexão da própria condição, algumas mulheres do passado não se calaram e, a partir destas indagações, originaram-se os movimentos feministas.

Carolina Maria de Jesus, é um exemplo de mulher que não aceitou a condição que lhe era imposta. A obra *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* (2014) traz reflexões de Carolina, por ela mesma, da e na condição de mulher, mãe de três filhos, favelada e negra, vítima de preconceito e discriminação, ora social, ora racial.

O senhor Manuel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro. Por isso que eu prefiro viver só para o meu ideal. (JESUS, 2014, p. 49).

Refletir acerca da própria condição, mesmo não sendo o objetivo inicial de Carolina ao escrever em seu diário, certamente é uma das características peculiares que embelezam sua obra e desafiam leitoras.

De acordo com Tiburi (2018, p. 103) o feminismo, dentre outras questões primordiais para as lutas cotidianas das mulheres, é uma narrativa de si, uma (re)invenção de si e nos dá uma biografia:

Ele é a narrativa de si, a autoavaliação crítica e autocrítica das mulheres. A narrativa daquelas pessoas que não tiveram narrativa, que não tiveram direito a uma história. Por meio dessa história que vem sendo construída e que tem um longo caminho pela frente, o feminismo nos dá a chance de nos devolver ao nosso tempo, aos nossos pensamentos, ao nosso corpo. (TIBURI, 2018, p. 103)

Portanto, é pertinente compreender, que a escrita-político-poética, que realizamos hoje, só é possível após as resistências históricas de mulheres do passado. O feminismo surge, como resistência à indústria capitalista do século XIX (ALVES; et al. 1985, p. 42) e pela luta de melhores de condições de trabalho, por parte do operariado e resistência por parte das mulheres.

As mulheres lutaram, no decorrer daquele século, por melhores condições de trabalho e pelo direito ao voto, conhecido como movimento sufragista. É possível, portanto, afirmar que o feminismo surge para a libertação dos corpos e subjetividades femininas. Estas são questões ainda não superadas de todo, no entanto, considera-se que as transformações daí decorrentes são bastante significativas.

### **Devaneios-caminhantes: sobre a minha história de vida**

Fui criada num lar evangélico, termo que minha família sempre utilizou. Questões como história da mulher ou movimento feminista nunca chegaram, talvez nunca chegassem até mim, pois dava-se, meu destino, como já estava traçado (a submissão).

Na adolescência, exercia um cargo na diretoria dos adolescentes da igreja. Nos dias atuais, algumas questões que enfrentei por ser presidente dos adolescentes pipocam a todo instante, quando coloco em discussão a condição da mulher. Afinal, nestes espaços, a condição de submissão é imposta, desde as organizações religiosas mais antigas.

Eu era tratada com desrespeito nas reuniões, ou quando cantava e tocava instrumentos no grupo de louvor, era alvo de deboches e apelidos como “cuíca”. Termo que, só fui saber o significado, quando dancei carnaval pela primeira vez em minha vida. Minha mãe sempre me ensinou que o homem era “a cabeça do lar”, mas nunca concordei com todas estas questões, nem o que era imposto na igreja, nem o que era ensinado em casa.

Neste refletir crítico, com olhar atento para a condição das mulheres, reflito alguns casos de mulheres brasileiras que me comoveram por múltiplas questões.

Era para ser apenas um caso jurídico-midiático de uma Presidenta eleita democraticamente que foi impedida de exercer seu mandato. Por que isso me afetaria de maneira significativa? Ou por que este caso aguçaria a discussão acerca da condição da mulher, elemento propulsor de minha dissertação?

Passando longe da intenção de discutir aspectos jurídicos e políticos do Golpe Parlamentar de 2016, questiono se o mesmo foi consolidado apenas por aspectos jurídicos, midiáticos e político-partidários. Será que a sociedade brasileira estava preparada para ter uma mulher no comando? Será que os comentários ofensivos e sexistas realizados envolvendo a Presidenta, não estavam pautados numa visão de mundo machista cristalizada?

É sobre a vereadora, assassinada brutalmente no Rio de Janeiro, caso que deixou pessoas em estado de choque, outras nem tanto, mas que diz sobre a condição das mulheres na sociedade brasileira, que são vítimas de violência física, simbólica e em casos extremos, porém comuns,

o feminicídio. Marielle, a vereadora, segue com sua voz, interpenetrando diálogos e discussões. Uma voz que não se cala...

Todas essas minhas reflexões e indagações potentes e pulsantes no que concernem à condição da mulher, começaram no PEJA<sup>4</sup> da UNESP de Rio Claro. Talvez processos “invisíveis” de (re)existência já tivessem acontecido em minha vida em outros momentos, mas meu envolvimento com a história e luta das mulheres começou na academia e hoje consolida-se como forma de (re)existência, insubordinação, insubmissão e “quase revolução”, que intenciono ao realizar minha Dissertação de Mestrado. Escrevo com a revolta e com o coração, pois meu envolvimento com este tema, possibilita que eu me (re)invente sempre.

Ingressei no PEJA em 2013, como bolsista de graduação pelo curso de Pedagogia, e comecei a participar dos encontros do grupo. Encontrei-me com D. Cleide, uma educanda em processo de aquisição de leitura e escrita. Neste período comecei a desenvolver o projeto de Trabalho de Conclusão de Curso<sup>5</sup>, e como o projeto tinha por objetivo pensar a leitura e escrita cotidianas de pessoas pouco escolarizadas, no contexto do SUS (Sistema Único de Saúde), realizei o convite a D. Cleide, para participar de meu estudo. A mesma aceitou e continuamos a nos encontrar durante as aulas do PEJA.

Ao ser questionada, durante a entrevista, o por quê de não ter frequentado a escola, em período (idade) regular, D. Cleide afirmou que seu pai dizia que escola era para homem e que “menina-moça” cresce, aprende a escrever e faz cartas para namorado; esse, o motivo expresso por D. Cleide que, portanto, não tinha permissão do pai para estudar.

Naquela época eu não estudei Débora, porque meu pai falava né, que escola ficou foi para homem, não foi pra mulher, mulher cresce, depois vai escrever cartinha pro namorado, pra rapaz. Então nosso estudo foi na roça, foi muito na roça nosso estudo, nós nunca teve estudo! (D. Cleide, 25/07/2016).

Para compreender os motivos que levaram o pai de D. Cleide a não permitir que a mesma estudasse, foi necessário compreender o que se cristaliza no imaginário das pessoas, enquanto representação das condições daí advindas.

Para Margareth Rago (2012, p. 59), a categoria de gênero surge para que possamos (re) construir as representações sociais que permeiam a história e a condição da mulher desde os primórdios da sociedade. De acordo com a autora, o gênero é um “instrumento precioso de análise” pois nos permite conhecer aspectos da vida humana e as especificidades do mundo feminino e masculino que são demarcadas por questões de vivências, histórias de vida e experiência. A categoria gênero, não aprofundada neste artigo, é um dos eixos de estudo na Dissertação.

### **Considerações- escritas-indagações que continuam...**

Este trabalho é um ato político. Conhecer a história das mulheres e compreender que faço hoje o que nos foi negado: escrever a própria história me envolve com múltiplos sentimentos. Possibilitou que tivesse um olhar-outro para com a minha condição, enquanto mulher e para a condição de tantas outras mulheres.

---

<sup>4</sup> O PEJA é um projeto de extensão universitária da UNESP de Rio Claro, que tem por objetivos desenvolver atividades de ensino para pessoas com escolaridade incompleta; promover a formação de educadores entre alunos da graduação; e gerar conhecimentos no campo da educação de jovens e adultos, estreitando laços entre ensino, pesquisa e extensão, pilares fundamentais na universidade pública.

<sup>5</sup> O Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: Ler e escrever entre pessoas pouco escolarizadas no contexto do SUS: uma análise de suas práticas cotidianas, foi apresentado ao Instituto de Biociências da Unesp de Rio Claro, para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia, em 2016.

O que pode um trabalho como este que se produz e, nele me (re)invento, ao sabor e ao balanço de histórias que fazem vida?

Prossigo na luta, na (re)existência, na escrita que se intenciona poética no estudo que realizo. Escrever para mim, hoje, ganha um sentido político-poético: ser protagonista da própria história, contar a minha história, ouvir, ler e dialogar com histórias de outras mulheres, contadas por elas mesmas. Histórias que continuam...

*Está no âmago do nosso ser...  
É a liberdade!  
A liberdade em ser. Ser livre, ser vida...  
Ser o que quiser!  
És mulher, uma grande força!  
Que poder é esse que incomoda?  
(Débora Sara Ferreira)*

## Referências

ALVES, B. M. et al. *O que é o feminismo*. SP: Abril Cultural, 1985. 74 p.

BEAUVOIR, S. de. *Memórias de uma moça bem-comportada*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 274 p.

DELORY-MOMBERGER, C. (2011). Fundamentos Epistemológicos da Pesquisa Biográfica em Educação. *Educação em Revista*, BH, v. 27, 2011.

FERREIRA, D. S. *Ler e escrever entre pessoas pouco escolarizadas no contexto do SUS: uma análise de suas práticas cotidianas*. 2016. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso. UNESP, Rio Claro, 2016.

JESUS, C. M. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014. 191 p.

RAGO, M. *Gênero e história*. 1 ed. CNT: Compostela, 2012. 58 p.

TELLES, N. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, M. D. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007. 401-442 p.

TIBURI, M. *Feminismo em comum: para todas, todes e todos*. 7 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018. 125 p.